**Ciranda de Natal**

A correria naqueles dias era tanta que as pessoas adultas da casa nem repararam. Lua e Mano G conversavam animadamente lá no quintal. E falavam sério. Criança fala sério? Claro, só que adultos não entendem. Precisariam ter mais cuidado com as crianças.

Mas há uma diferença: seriedade de criança não é a mesma coisa que o senso preocupado das pessoas adultas. É que elas ligam seriedade com imaginação, com sonho. E esta diferença é que faz a brincadeira ficar mais bonita ainda.

Pois aqueles dois pirralhos estavam aprontando das suas. Como de outras vezes. E queriam fazer surpresa. Por isto a fala mansa, sem alarde, lá no quintal. E posso lhes garantir, deu certo. Vou contar, resumido, mas como fiquei sabendo.

Era tempo de Natal outra vez. Toda a propaganda girava em torno de lojas abertas até tarde, gente comprando presentes, mulheres atrás das comidas especiais para os dois dias de festa, homens amalucados em motos e carros atrás das encomendas, crianças na maior expetativa. Mas nas ruas, havia um contrassenso. Muitos pedintes, muitas crianças maltrapilhas rogando um dinheirinho e os invisíveis catadores e catadoras buscando o que ainda é aproveitável nos lixões das ruas e dos condomínios. Para esses últimos, um carrinho cheio de materiais não valia muito, mas dava para o sustento de cada dia. Uma luta sem tréguas, sem recesso, sem férias, sem sábado ou domingo. E dias de festa eram pródigos em materiais recicláveis. De certo modo, também eles participavam das sobras, transformando resíduos em comida e sonho.

Lua e Mano G ainda não entendiam dessas tristezas, mas tinham um sonho que queriam realizar naqueles dias. E foi isto que conversavam numa trela sem fim. E foi o que – na noite esperada – causou o maior espanto na família. Mas já vou adiantando, espanto e depois a maior alegria.

Na noite de Natal, como era costume naquela casa, se fez uma pequena celebração lembrando a história do menino que nascia pobre e frágil numa estrebaria, a mãe jovenzinha toda cuidadosa colocando o menino enrolado num pano em cima de palha seca, e o pai, carpinteiro, meio abobado com tudo o tinha acontecido e agora a felicidade de ver um menino saudável a dormir tranquilo. Lá fora, porém, o mundo nem queria saber deles. Eram um casal e um menino sem a menor importância. Invisíveis como tantos.

O que deixou o casal surpreso foi que receberam visitas: pastores de ovelhas que no campo tinham recebido a notícia vieram para adorar o menino. Ouviram e acreditaram que o menino era filho de Deus! Disseram eles que foram anjos que os avisaram. Mais surpreendente ainda foi a visita de uns sábios do Oriente que costumavam ler as estrelas e receberam um aviso. Foram atrás e encontraram o menino esperado, uma jovem mãe e um pai trabalhador na maior simplicidade tentando entender o que lhes havia acontecido. E trouxeram presentes para o menino e o casal. Cantaram com eles e foram embora. Dá pra entender?

Bem, mas depois de ouvir novamente a história, a família animada se achegou à mesa, repartiu as comidas preparadas com tanto carinho, as pessoas e as crianças sorveram sucos e até um vinho espumante que alguns chamam champanhe, e então veio o momento esperado: troca de presentes, saudações, abraços, beijos, aquela euforia de que as crianças tanto gostam. E o desejo de um novo tempo cheio de alegria para todos.

Mas Lua e Mano G só se olhavam, pois agora ia começar *a sua parte* naquela noite. Chamaram os adultos, mães, pais, avós, avô, tias, as visitas que chegaram na véspera, a casa cheia, e convidaram para uma pequena caminhada noturna. O pessoal estranhou, mas aceitou. E lá se foi o grupo animado atrás de Lua e Mano G. Então, a surpresa maior. Quando notaram, estavam na beira da lagoa e encontraram um grupão de gente animada que também tinha saído de casa para a festa de rua, para a dança da *ciranda de Natal.* Já tinha gente dançando na roda, adultos e crianças, quando a família chegou. E o povo foi dizendo: entrem na roda, a ciranda acabou de começar. Aqui quem chega tem lugar! É só dar a mão e acertar o passo.

Lua e Mano G foram os primeiros a entrar na roda. Nem podia ser diferente. E arrastaram toda a família, mesmo as vovós mais renitentes. E dançaram e cantaram até cansarem. E descobriram que natal bom mesmo é quando a gente se junta numa grande roda, numa *ciranda*. E pensaram: um dia nós vamos *fazer a festa toda aqui na beira da lagoa* e com todo esse povo junto, comendo, bebendo do bom e do melhor, dançando e cantando pra valer.

A vida é bonita quando a gente compartilha e aprende a dar as mãos numa *ciranda* como esta. Tenho certeza que o menino – aquele da estrebaria – ficaria feliz, ao crescer, por também entrar na roda e dançar a ciranda com toda aquela gente. E o detalhe, lá estariam Lua e Mano G levando o menino e não largando mais a mão dele, pelo menos até o sono chegar.

Roberto E. Zwetsch

Natal de 2019.